

EFICIÊNCIA: SUA DIVERSIDADE E SEUS PARADOXOS

Valdir Melo

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Ipea.

DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/td3126-port>

O vocábulo 'eficiência' tem conotação positiva, sendo muito empregado no debate sobre políticas públicas. Todavia, tem vários sentidos técnicos distintos, alguns dos quais se confundem com produtividade, com economias de escala e com otimização. Também tem significados leigos bastante vagos, aludindo a eficácia, a competência, a adequação, a fazer bem feito, a agilidade, entre outros.

Uma parcela da literatura econômica assevera que se dá importância demasiada a eficiência. O presente Texto para Discussão reelaborou algumas ideias desses economistas, tendo em vista sua possível relevância para as discussões de políticas públicas no Brasil dos tempos recentes. Para fins de diminuir a frouxidão léxica, deve-se usar 'eficácia' e 'eficiência' como características do processo produtivo; não para fazer referência a consecução de bem-estar e de satisfação de desejos dos fregueses e dos usuários. Para estes as locuções adequadas são 'excedente do consumidor' e 'melhoria ou ótimo de Pareto'.

Uma atividade produtiva pode ter vários objetivos (ou produtos) em vez de um só. Por conseguinte, o que é eficaz pode muito bem ser ineficaz ao mesmo tempo; eficaz com relação a certo objetivo e ineficaz com relação a outro. O mesmo ocorre com eficiência. Muitas vezes é difícil e controverso aferir eficácia e eficiência porque a atividade tem vários objetivos e eles são alcançados em extensões diferentes. Neste caso, há o clássico problema de agregação,

composição ou combinação de vários itens que se comportam diferentemente.

À primeira vista, a solução para aferir bem eficiência é balancear os objetivos conforme o grau de importância, atribuindo-lhes pesos. Mas esta é uma solução incompleta, pois quase sempre não há regra geral para ponderação. Ou seja, quase nunca há um rol único de pesos com uma justificação conclusiva. Logo, há vários julgamentos possíveis, diferentes e razoáveis, dependendo da importância relativa que cada pessoa competente dê a cada um dos objetivos.

Diante da incerteza no mundo real, o próprio conceito de eficiência pode dar margem a diferentes julgamentos em vez de um só. Uma causa disto é a existência (em locais distintos) de bolsões de informações diferentes. Ou seja, a inexistência de comunicação perfeita (rápida e gratuita) torna mais provável que boa parcela das empresas no mundo seja ineficiente (sem que ninguém saiba disto nos locais específicos).

Existe um tanto de incongruência entre eficiência e segurança. Por isso, os empresários e gerentes que pendem para o lado da prudência preferem adotar um processo de produção 'ineficiente' (isto é, mais caro) e de baixo risco a um processo 'eficiente' e de maior risco.

Processos de inventar e de inovar não têm roteiros predefinidos. Por conseguinte, ocorrem muitas tentativas que não dão o resultado almejado. Dificilmente há criação ou invenção sem considerável desperdício, embora não pretendido;

SUMEX

mas desperdício é supostamente um oposto de eficiência produtiva. Por isto, demasiado apego ao critério de eficiência pode tornar-se um obstáculo à experimentação e à inovação.

Esses e outros aspectos do tema dão apoio à proposição de que em economia e administração dá-se importância demasiada a eficiência. De fato, é conceito com múltiplos sentidos, confundido com outros, além de difícil e caro de medir. Ademais, é banalizado, ao ser tão mencionado a respeito de tanta coisa fora do âmbito dos processos produtivos e da administração. Este modo de ver talvez lance uma luz distinta sobre vários temas das discussões de políticas públicas no Brasil dos tempos recentes.